

Didáticas do Alentejo constitui uma viagem pelo, rico e diverso, universo educacional do Alentejo, onde coexistem o rigor científico e as criatividade e inovação das instituições de ensino superior, os ambientes formais das escolas, os contextos não formais das instituições da sociedade civil e das famílias e as circunstâncias informais das ruas e dos largos.

Em todos aqueles espaços e tempos vitais, os alentejanos aprendem e ali se edificam, como pessoas, profissionais e cidadãos, tornando-se autores das suas vidas individuais e do nosso destino coletivo.

BRAVO NICO &
LURDES PRATAS NICO (ORG.)

DIDÁTICAS DO ALENTEJO

DIDÁTICAS DO ALENTEJO

BRAVO NICO &
LURDES PRATAS NICO
(ORG.)

Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico são professores do Departamento de Pedagogia e Educação/Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, investigadores do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (onde pertencem ao Grupo de Investigação *Políticas Educativas, Territórios e Instituições*) e integram a equipa da Universidade Popular Túllo Espanca da Universidade de Évora, desde a sua fundação, em 2009.



Centro de Estudos
e Investigação em
Educação



edições pedagogo



edições pedagogo



© dos autores

© desta edição

Universidade Popular Túlio Espanca da Universidade de Évora (UPTE/UÉ)
Edições Pedagogo, Lda.

Título: Didáticas do Alentejo

Colecção: Educação, Território e Desenvolvimento Local

Coordenação da Colecção: Bravo Nico

Organizadores: Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico

Design e Paginação: Márcia Pires

Impressão e Acabamento: Tipografia Lousanense

ISBN: 978-989-8655-74-5

Depósito Legal:

Outubro de 2016

Nenhuma parte desta publicação pode ser transmitida ou reproduzida por qualquer meio
ou forma sem a autorização prévia do editor.
Todos os direitos reservados por

EDIÇÕES PEDAGO, LDA.
Rua Bento de Jesus Caraça, 12
Serra da Amoreira
2620-379 Ramada
PORTUGAL

edicoes-pedago@pedago.pt
www.edicoespedago.pt

UNIVERSIDADE POPULAR TÚLIO ESPANCA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Apartado 9A, 7002-954

www.utulioespanca.uevorta.pt

APOIOS:

. Departamento de Educação e Pedagogia (DPE)
. Centro de Investigação em Psicologia e Educação (CIEP)
Universidade de Évora, Apartado 94, 7002-554

. Diário do SUL
. SUÃO - Associação de Desenvolvimento Comunitário / Escola Comunitária de São Miguel
de Machede

QUOTIDIANOS D(N)A INTERNACIONALIZAÇÃO: MOBILIDADE UNIVERSITÁRIA, TIC E VIDA PESSOAL À DISTÂNCIA

**Rosalina Costa^a, Rafanelly Lopes^b, Alexandra Batista^c,
Helena Patronilho^d, & Liliana Piegas^e**

Resumo

Neste texto sintetizam-se os principais resultados de um projeto de iniciação à investigação científica, desenhado com o objetivo de descrever e compreender o lugar das tecnologias da informação e comunicação na construção da vida pessoal à distância de estudantes, professores e investigadores em situação de mobilidade universitária internacional. Os dados analisados foram recolhidos a partir de um questionário eletrónico, aplicado em Dezembro de 2013 na Universidade de Évora, orientado para a recolha de informação em cinco dimensões principais: a caracterização sociodemográfica dos indivíduos em situação de mobilidade universitária internacional, o perfil de mobilidade, os sentidos da casa, os contextos de comunicação à distância e, por fim, os propósitos, conteúdos e significados associados a tais práticas. No final, ao mesmo tempo que os dados trazidos a lume permitem uma caracterização ampla, plural e atual da experiência dos indivíduos em mobilidade internacional, abrem espaço para uma discussão e reflexão crítica em torno do lugar da internacionalização nas instituições de ensino superior, regiões e contextos em que estão inseridas, tanto do ponto de vista educacional, como cultural.

Palavras-Chave: quotidianos; vida pessoal; mobilidade universitária; internacionalização; ensino superior.

-
- a** Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia, Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora e Investigadora no CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (Portugal). E-mail: rosalina@uevora.pt.
 - b** Graduando em Pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF, Brasil), Bolsista de Iniciação à docência (CAPES/UFF) e estudante de mobilidade na Universidade de Évora (edital de bolsa 09/2012) no semestre ímpar do ano letivo 2013/14. E-mail: rafanellylopes@id.uff.br e rafanellylopes@hotmail.com.
 - c** Estudante de 1.º ciclo de estudos em Sociologia (2012-2015) na Universidade de Évora (Portugal). E-mail: l30608@alunos.uevora.pt e alexandra.mbb@gmail.com.
 - d** Estudante de 1.º ciclo de estudos em Sociologia (2012-2015) na Universidade de Évora (Portugal). E-mail: l31311@alunos.uevora.pt e helena_patronilho@hotmail.com
 - e** Estudante de 1.º ciclo de estudos em Sociologia (2012-2015) na Universidade de Évora (Portugal). E-mail: l31128@alunos.uevora.pt e lilianapiegas@hotmail.com

1. Introdução

Este texto procura desvendar sociologicamente dimensões relativamente ocultas dos quotidianos da mobilidade universitária. Num contexto em que as instituições de ensino superior enfrentam os desafios colocados pela alteração das condições de acesso, agravamento das restrições orçamentais e aumento da competitividade à escala global, a mobilidade universitária internacional afirma-se na atualidade como uma dimensão-chave nos sistemas de ensino superior e redes de investigação e desenvolvimento, e um reduto estratégico que, ao serviço dessas mesmas instituições, pode ser utilizado tendo em vista o crescimento e alargamento por via da maximização de recursos diversificados, ainda que limitados, mas já existentes.

Enquanto muitos estudos sobre mobilidade internacional incidem apenas na mobilidade estudantil (Choudaha & Chang, 2012; OCDE, 2013; QS, 2014; UNESCO, 2009), nesta investigação adotamos uma definição mais ampla que contempla qualquer período, de duração limitada, dedicado ao estudo, docência e/ou investigação em outro país que não o de residência habitual. Ao mesmo tempo que esta aceção alarga consideravelmente o espectro da mobilidade universitária, coloca novas questões e desafios. À escala internacional, que fatores atraem estudantes, professores e investigadores para uma experiência de mobilidade universitária? Como é vivida essa experiência por relação com a universidade e cidade que os acolhe? Finalmente, como é que essa experiência se articula com as várias dimensões da vida pessoal dos indivíduos que a protagonizam? Particularmente, interessa-nos agora procurar as respostas para a última das questões enunciadas. Efetivamente, em situação de mobilidade universitária, estudantes, professores e investigadores estudam, lecionam e investigam; aprofundam conhecimentos e melhoram as suas performances estudantis e profissionais, de docência e de investigação; concluem cadeiras e cursos, publicam artigos e livros, organizam eventos científicos; participam em candidaturas a financiamentos, ganham projetos, prémios e distinções. Enquanto isso, as dimensões “públicas” e “privadas” das suas vidas e significados relacionados permanecem imbricados como sempre: nestes períodos os indivíduos vivem, comunicam, consomem e, em última instância, relacionam-se com outros, fisicamente ou à distância.

A literatura sociológica contemporânea tem vindo a explorar a utilidade do conceito de “vida pessoal” (May, 2011; Morgan, 2011; Smart, 2007) como forma de conceptualizar teórica e empiricamente a multidimensionalidade das relações que os indivíduos estabelecem nas suas vidas, para além daquelas que tradicionalmente estavam cobertas pela categoria “família” (Morgan, 2011). Estes desenvolvimentos acompanham o interesse e investigação recente em

torno do lugar e da importância dos amigos e das amigas na vida dos indivíduos (Pahl, 2000), assim como de uma panóplia de outros temas que emergem quando se estudam as relações que lhes são significativas (May, 2011).

Concomitantemente, vida pessoal e tecnologias da informação e comunicação (TIC) são hoje termos e experiências profundamente interligados. Longe de uma acessibilidade restrita e pontual, a sua utilização é tão generalizada quanto frequente no quotidiano dos indivíduos e transversal aos vários domínios da vida em sociedade. Na economia, família, educação, política e até mesmo na religião ou no lazer, as TIC não são apenas uma forma de aproximar indivíduos física e temporalmente afastados. As TIC estão imbricadas socialmente, têm uma dinâmica própria e constroem novas realidades que importa desvendar para além das evidências do senso comum. Numa sociedade em rede (Castells, 2004; Granovetter, 1983), a experiência da mobilidade torna-se, também ela, indissociável da experiência de utilização das TIC como instrumento-chave que permite aos indivíduos aumentar, diversificar e potenciar os seus conhecimentos e competências (Urry, 2007) e, por isso, fundamental no processo de construção biográfica (Beck, Giddens, & Lash, 1994).

Apresentamos neste artigo os principais resultados de um estudo sociológico mais amplo, desenvolvido no âmbito do projeto VID@S: *Vida pessoal à distância e mobilidade universitária internacional*.¹ Norteados pelo objetivo de descrever e compreender o lugar das TIC na construção da vida pessoal de estudantes, professores e investigadores em mobilidade universitária internacional, o estudo foi orientado para a recolha de informação em cinco dimensões principais, nomeadamente, a caracterização sociodemográfica dos indivíduos em situação de mobilidade universitária internacional, o perfil de mobilidade, os sentidos da casa, os contextos de comunicação à distância e, por fim, os propósitos, conteúdos e significados associados a tais práticas. Empiricamente, a investigação assumiu a forma de um estudo de caso de natureza eminentemente quantitativa (Neuman, 2011), circunscrito à Universidade de Évora (Portugal). Uma amostra de tipo intencional e em bola de neve foi construída através de recrutamento face-a-face e por via eletrónica dirigido a estudantes, professores e investigadores residentes fora de Portugal, à data a estudar, lecionar ou investigar na Universidade de Évora. A recolha de dados

1 VID@S é um projeto de iniciação à investigação científica, paralelo à unidade curricular "Sociologia da Família" [SOC2410], disciplina obrigatória do curso de 1.º ciclo de estudos em Sociologia e optativa para o curso de 1.º ciclo em Ciências da Educação, oferecidos pela Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, no ano letivo 2013/14 (cf. Ficha da disciplina disponível em url: <http://www.estudar.uevora.pt/index.php/Oferta/licenciaturas/disciplinas/%28curso%29/205/%28codigo%29/SOC2410>). O projeto integrou alunos de 1.º ciclo de estudos inscritos nessa UC, envolvidos a partir da demonstração individual e voluntária de interesse e disponibilidade, sob coordenação científica e pedagógica da docente. Cf. página web em url: <http://home.uevora.pt/~rosalina/vidas/>.

foi efetuada através de um questionário eletrónico anónimo, autoadministrado, disponibilizado *online* em português e inglês na plataforma *LimeSurvey*² entre 15 e 31 de Dezembro de 2013². Após a validação e tratamento inicial, os dados foram submetidos a uma análise estatística com recurso ao *software* IBM SPSS. De modo complementar, e no caso particular das questões abertas, foi utilizado também o NVivo10 da ©QSR *International* para a análise qualitativa de conteúdo, especificamente a categorial temática, seguindo um procedimento aberto (Bardin, 1977; Miles & Huberman, 1994).

Nas páginas que se seguem, sintetizamos os principais resultados obtidos com este estudo³. Em última instância, esperamos que ao contribuir para o conhecimento mais aprofundado em torno da mobilidade universitária internacional como uma situação específica no processo de ensino-aprendizagem e de investigação no contexto particular da Universidade e cidade de Évora, possamos também levantar o véu sobre algumas questões que esta realidade coloca do ponto de vista do desafio maior que nos une neste fórum, nomeadamente, o de (re)pensar o que significa “Aprender no Alentejo”.

2. Quotidianos d(n)a Internacionalização

2.1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra

No conjunto, 115 questionários foram validados no âmbito do projeto VID@S⁴. A média de idades dos inquiridos situa-se nos 29,09 anos de idade, variando entre um mínimo de 18 e máximo de 59 anos⁵. Relativamente ao sexo, a amostra

2 *LimeSurvey*[®] é um *software* livre (cf. url: <http://www.limesurvey.org/pt/>), hospedado gratuitamente nos servidores da Universidade de Évora em url: <https://inqueritos.uevora.pt/index.php>.

3 Na apresentação de resultados que se segue não incluímos a análise das questões associadas à dimensão “sentidos da casa”. Por se tratar de um tema muito específico, que tirou partido da coincidência temporal entre a fase da recolha de dados e a época natalícia (Dezembro de 2013) para obter informação sobre as mobilidades associadas a esse ritual familiar, optámos por deixá-lo de fora desta análise. Valorizamos, ao invés, questões de carácter mais transversal, relacionadas com a caracterização sociodemográfica da amostra, o perfil de mobilidade dos inquiridos, os contextos, propósitos, conteúdos e significados da comunicação à distância.

4 Apesar dos esforços endividados, não nos foi possível obter dados exatos sobre o universo em estudo. Os dados relativos aos investigadores de pós-doutoramento e professores e investigadores visitantes não estão agregados e a informação relativa aos estudantes está em permanente atualização. Dados ainda provisórios sobre a mobilidade para o presente ano letivo, de acordo com informação disponibilizada pela Divisão de Mobilidade e Relações Internacionais da Universidade de Évora em Dezembro de 2013, apontavam para um total de 224 alunos em mobilidade. Destes, a maior parte, 59,38% (133) estava ao abrigo da mobilidade *Erasmus*, 36,61% (82) em mobilidade do Brasil, 2,68% (6) em mobilidade *Erasmus Mundus*, e 1,34% (3) ao abrigo de programas específicos de mobilidade com Angola. Uma notícia publicada no *UELINE – Jornal Online da Universidade de Évora*, em 20 de Setembro de 2013, citava um número aproximado de 311 mobilidades geridas até ao momento na Universidade de Évora para o ano letivo 2013/14 (Simas, 2013).

5 Por razões de economia de espaço, este texto não inclui gráficos ou quadros. Os autores mantêm-se no entanto

é relativamente equilibrada, sendo que 51,3% dos inquiridos são do sexo feminino e 48,7% do sexo masculino. Quanto aos países de origem, destaca-se o Brasil, país de origem de 33,9% dos inquiridos⁶. Segue-se a Espanha com 7,8%, Itália e Timor-Leste, ambos com 6,1%. A percentagem restante (46%) agrega os países de origem de inquiridos cujo somatório é igual ou inferior a quatro indivíduos. A sua diversidade espelha bem a diversidade de países de origem representados na amostra: Alemanha, Angola, Bangladesh, Bélgica, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Cabo Verde, Eritreia, Etiópia, Finlândia, Filipinas, França, Guiné-Bissau, Holanda, Inglaterra, Índia, Irlanda, México, Moçambique, Nepal, Polónia, República Checa, Roménia e Suíça.

Sob um outro prisma, perspetivando agora os dados a partir da principal língua de expressão, torna-se mais visível o peso da comunidade de expressão portuguesa na mobilidade universitária em Évora. De facto, o português é a principal língua de expressão para a maior parte dos inquiridos (60%), seguida do inglês (15%), espanhol (9%), italiano (6%) e francês (2%). Estes dados vão ao encontro de estudos já existentes que apontam para o facto de a língua comum ser a principal atração que leva estudantes estrangeiros a Portugal para estudar (OCDE, 2013: 314).

Relativamente à religião, do total de inquiridos que responderam a esta questão (109), mais de metade (52,3%) são católicos e 25,7% afirmam-se agnósticos, ateus ou sem religião. Estão também representados na amostra os ortodoxos e outras religiões (ambos com 6,4% dos casos), seguidos dos protestantes (5,5%), hindus (2,8%) e islâmicos (0,9%).

No que respeita à composição do agregado familiar dos inquiridos no país de residência, eles distribuem-se principalmente entre os inquiridos que vivem com a família de origem, em casal e os que vivem a solo. Entre os primeiros conta-se um total de 40% dos inquiridos, incluindo aqueles que vivem com pai ou padrasto e mãe ou madrasta e irmãos (20%), com pai ou padrasto e mãe ou madrasta sem irmãos (9,6%), apenas com um dos pais sem irmãos

ao dispor para facultar ao eventual leitor quaisquer dados complementares ou esclarecimentos adicionais tendo em vista um maior detalhe de apreciação e interpretação dos resultados.

- 6 Aqui entendida no sentido de país de residência permanente, a "origem" do processo de mobilidade, não em termos de país de nacionalidade, uma vez que este pode ou não coincidir com aquele outro. Recordar-se que a expressão "estudante internacional" ou "estudante de mobilidade" não é sinónima de "estudante estrangeiro". Enquanto a primeira remete para uma situação (temporária) em que o estudante se desloca do seu país de origem/residência com o propósito de estudar num outro, o segundo termo enfatiza a nacionalidade do estudante, referindo-se, tão-somente, a estudantes que não têm a nacionalidade do país onde estudam, podendo todavia ser aí residentes de longa duração ou ter, inclusivamente, nele nascido. De um modo geral, os estudantes internacionais surgem como um subconjunto dos estudantes estrangeiros. Porque as estatísticas e os estudos disponíveis utilizam ora uma, ora outra expressão, chama-se a atenção para a importância de uma definição precisa dos conceitos e a leitura atenta das nomenclaturas nos apêndices metodológicos dos estudos consultados.

(5,2%) ou apenas com um dos pais e irmãos (5,2%). Em casal vivem 26,1% dos inquiridos, nomeadamente, 14,8% em casal com filhos, 7% em casal sem filhos e 4,3% vivem com o/a namorado/a. Uma percentagem de 15,7% vive sozinho no país de residência e os restantes em outras situações.

Traçada que está a caracterização sociodemográfica dos inquiridos, vejamos agora o perfil de mobilidade destes indivíduos.

2.2. Perfil de Mobilidade

Olhando ao perfil de mobilidade dos inquiridos, destacam-se os estudantes (78,3%) relativamente aos investigadores de pós-doutoramento (2,6%) e professores ou investigadores visitantes (0,9%). De entre os estudantes, 21,7% estão ao abrigo do Programa *Erasmus* e 13% do Programa *Erasmus Mundus*, o que, no âmbito geral, deixa ao Programa *Erasmus* a responsabilidade por mais de um terço (34,8%) dos indivíduos em mobilidade na Universidade de Évora⁷. Do total de inquiridos, 27,8% são estudantes que estão a frequentar parcial ou totalmente um ciclo de estudos na Universidade de Évora; uma percentagem ainda elevada de estudantes (15,7%) são estudantes de mobilidade provenientes do Brasil, e 18,3% afirmam estar noutra situação. A principal área disciplinar em que os inquiridos estudam, lecionam ou investigam é a das Ciências Sociais (41,7%), seguida das Ciências e Tecnologias (35,7%) e Artes (11,3%). As áreas interdisciplinares atraem 7,8% dos inquiridos e a Saúde 3,5% do total.

Comparando o tempo de permanência até ao momento na Universidade de Évora e o tempo previsto de permanência total, destacam-se os períodos longos, superiores a um ano, situação em que se encontram 40% dos inquiridos, seguidos dos períodos que medeiam entre três e seis meses. No perfil da mobilidade universitária cruza-se, assim o tempo longo e o tempo curto, numa clara associação à frequência de um ciclo de estudos completo e a um semestre letivo que, sabemo-lo, composto por 15 semanas de aulas, nem sempre totaliza os seis meses completos de duração.

Quanto ao alojamento, a maior parte dos inquiridos (34,8%) reside em quarto individual em casa partilhada com amigos e/ou colegas, seguidos dos que

⁷ O Programa ERASMUS é o principal programa de mobilidade interuniversitária no espaço europeu. Foi estabelecido em 1987 pela União Europeia e apoia a mobilidade de estudantes e docentes do Ensino Superior entre estados membros da União Europeia e estados associados, por um período de tempo entre 3 e 12 meses. No caso dos inquiridos associados ao *Erasmus Mundus*, foi indicado o programa EMMA-West, sigla para *Erasmus Mundus Mobility with Asia* e os cursos PHOENIX *Erasmus Mundus - Joint Doctoral Program on Dynamics of Health and Welfare*, *European Master in Nematology (EUMAINÉ)*, *Techniques, Patrimoines, Territoires de l'Industrie: Histoire, Valorisation, Didactique-ERASMUS MUNDUS* e o Programa Erasmus Mundus ARCHMAT (*ARCHaeological MATerials Science*).

estão em casa arrendada individualmente ou em casal (24,3%). Para 19,1% dos inquiridos, a experiência de residência em Évora faz-se por via da residência universitária. Estes dados tornam-se mais evidentes à medida que clarificamos com quem estão os inquiridos a residir em Évora. De facto, a experiência de residência em Évora oscila principalmente entre os que vivem com amigos (41,7%) e os que vivem sozinhos (27,8%). Uma percentagem de 7,8% respeita aos que partilham quarto com estranho em residência universitária ou casa e 7% vivem em conjugalidade, agregando para este efeito os casais com ou sem filhos e a coabitação entre namorados.

Relativamente aos movimentos de saída de Évora para os países de origem, verificamos que de entre os inquiridos que responderam a esta questão (95), 45,26% nunca o fez. Seguem-se os que saíram uma única vez (28,42%) e duas vezes (9,47%). Quando questionados sobre o número de visitas que os inquiridos já receberam desde que estão em Évora, do total de respondentes (102), 40,2% (41) não receberam até ao momento qualquer visita. Seguem-se 16,67% que já receberam duas visitas e 15,69% que receberam apenas uma.

Na clarificação das razões subjacentes às saídas de Évora, sobressaem de entre as respostas (76) os motivos familiares ou afetivos com 26,32%, seguidos das interrupções letivas associadas ao Natal (22,37%) e às férias de Verão (19,74%). Os motivos profissionais são ainda responsáveis por 17,11% das deslocações e os motivos burocráticos por 13,16%.

E quanto à experiência de mobilidade propriamente dita na Universidade e cidade de Évora? O que têm a dizer, a esse propósito, os inquiridos deste estudo? Na questão sobre as principais razões que trouxeram estes indivíduos à Universidade e à cidade de Évora, 19,4% do total das respostas (170) denunciam a existência de um acordo prévio entre universidades, 17,6% o facto de terem ouvido falar bem da universidade ou da cidade e 17,1% o terem ganho uma bolsa de estudo. As razões que se seguem juntam o prestígio da universidade à cidade de Évora. De facto, do total de respostas dadas, 15,9% referem tratar-se de uma universidade reconhecida e 10,6% admite ter vindo para a cidade de Évora para conhecer um professor, investigador, área ou centro de investigação em particular. Essa mesma percentagem encontra eco naqueles que optaram pela Universidade de Évora pelo facto de estar localizada numa cidade pequena.

Numa última questão que incluímos nesta dimensão, solicitámos aos inquiridos que indicassem, tanto pela positiva como pela negativa, o aspeto que destacariam caso fossem chamados a recomendar a cidade a um colega estudante, professor ou investigador⁸. De modo transversal, é possível agregar

⁸ A formulação exata da questão aberta incluída no questionário (P17) foi a seguinte: "Se tivesse de recomendar a cidade a um colega estudante, professor ou investigador, que aspeto destacaria? Pela positiva/Pela negativa".

as respostas obtidas em três categorias principais: a cidade, a universidade e a atmosfera académica⁹. Enquanto à cidade e à universidade são apontados ora aspetos positivos, ora negativos, a atmosfera académica parece resistir mais fortemente à valoração negativa. No que respeita à cidade, os aspetos que foram destacados pelos inquiridos gravitam principalmente em torno das subcategorias “património”, “dimensão” e “qualidade de vida”. Já quanto à universidade, os aspetos referidos pelos inquiridos estruturam-se em torno das subcategorias “prestígio”, “qualidade do ensino/investigação” e “relação professores-alunos”. De natureza fluida quando comparada com as estruturas materiais da cidade e da universidade, a “atmosfera académica” desempenha no entanto um papel fundamental na experiência da mobilidade internacional em Évora: ao fazer a ponte entre comunidade local e academia, património material e imaterial, dia e noite, trabalho e diversão, envolve estes elementos numa dimensão não palpável, eminentemente relacional e sensorial, logo, profundamente singular, simbólica e diferenciadora¹⁰.

2.3. Contextos de Comunicação à Distância

Analisando agora os contextos de comunicação à distância, quando questionados sobre quais, de entre as pessoas que estão fisicamente afastadas, são aquelas com quem comunicam mais vezes, os inquiridos referem em primeiro lugar os pais (47%), seguidos dos namorados (20%) e parceiros conjugais (15,7%). Sobre a frequência com que comunicam, em média, com essas pessoas, mais de 50% fá-lo pelo menos uma vez por dia. De facto, 30,4% dos inquiridos afirmam comunicar com outros à distância várias vezes ao dia, e 27,8% fazem-no uma única vez ao dia. Uma percentagem de 20,9% comunica ainda várias vezes por semana, sendo que apenas 10,4% o fazem uma vez em cada sete dias. As percentagens mais diminutas estão reservadas a comunicações esporádicas durante o mês ou ano.

Relativamente ao método de comunicação preferido para estabelecer a comunicação à distância, 36,5% dos inquiridos utiliza a chamada som ou vídeo através da Internet (e.g. com recurso ao *Skype* ou *Google Hangouts*), 26,1% a chamada de telemóvel e 13% a mensagem instantânea através da Internet. Quanto à rotina, mais de metade dos inquiridos (52,2%) afirma ser indiferente o período do dia que escolhe para comunicar à distância. Seguem-se aqueles

⁹ A designação encontrada para a categoria “atmosfera académica” resulta de uma codificação *in vivo*.

¹⁰ Para um aprofundamento da análise a esta questão, cf. o artigo “Mobilidade Universitária Internacional e Desenvolvimento Territorial: pontes e desafios” (Costa, Lopes, Batista, Patronilho, & Piegas, 2014).

que o fazem dentro de um intervalo de tempo previamente acordado (27,8%) e, por fim, aqueles em que o grau de ritualização é maior, sendo que comunicam sempre ao mesmo dia e/ou hora (16,5%). De modo inequívoco, quando comunicam com outros à distância, os inquiridos fazem-no maioritariamente em circunstâncias em que estão sozinhos (66,1%). Ainda assim, 20,9% afirma que a situação lhe é indiferente, e 7,8% fá-lo na companhia de outros familiares.

Quando utilizam a Internet, a maior parte dos inquiridos fá-lo mediante acesso pago pelos próprios (53,9%). Uma percentagem relativamente significativa, cerca de um terço (33,9%), acede gratuitamente à Internet a partir da rede da Universidade, inclusive nas residências universitárias, nos casos em que essa situação se verifica. De referir ainda que 5,2% dos inquiridos acedem gratuitamente à Internet a partir da casa de amigos e apenas 1,7% beneficia do acesso gratuito disponibilizado em espaços públicos como praças, espaços de restauração ou lazer. Do ponto de vista operacional, na esmagadora maioria dos casos (90,4%), os inquiridos acedem à Internet através de computador portátil individual ou *tablet*, seguido do telemóvel ou *smart phone* (2,6%) e do computador da Universidade, inclusive o da residência (2,6%).

A terminar esta secção, analisemos os propósitos, conteúdos e significados associados à comunicação à distância em contexto de mobilidade universitária internacional.

2.4. Propósitos, Conteúdos e Significados da Comunicação à Distância

A nossa amostra patenteia de modo evidente a elevada importância da comunicação à distância na rotina diária dos indivíduos em mobilidade universitária internacional. Efetivamente, numa escala de 1 a 5, em que um significava “nenhuma importância” e cinco “importância máxima”, 50,4% dos inquiridos, atribuiu o valor 5 e 24,3% o valor 4, o que, no conjunto, faz com que 74,7% dos inquiridos se posicionem do lado de maior importância da escala apresentada.

Em média, 31,3% dos inquiridos admitem despende entre 30 minutos a 1 hora com a comunicação à distância. Seguem-se os que lhe dedicam menos de 30 minutos (17,4%) e entre 1 hora a 2 horas (13,9%). As razões mais apontadas para comunicar à distância são o facto de os inquiridos reconhecerem que os outros são importantes para si (21,7%), para saberem como está tudo *por lá* (18,3%), para permitir que os outros saibam como está tudo *por cá* (17,9%), porque sentem a falta dessas pessoas (15,9%), para receber (11,4%) e dar apoio (9,7%), para ocupar o tempo livre (4,1%), mas também porque sentem que é uma espécie de “obrigação” (1%). No conjunto, apenas 10,4% dos inquiridos

(12) indicaram não comunicar todos os dias à distância com outros. Nas razões apontadas para esse comportamento sobressaem, por ordem de frequência, o facto de não atribuírem importância à comunicação diária, o ser muito difícil conciliar as disponibilidades mútuas, a falta de tempo do próprio (*cá*), porque acreditam que comunicar diariamente aumenta ainda mais a saudade, por dificuldades de acesso à rede *wi-fi* e por falta de tempo dos outros (*lá*).

Quanto aos conteúdos da comunicação à distância, os principais têm que ver com a troca de informação sobre assuntos específicos *de lá*, como os relacionados com a família, saúde, situação do país ou da região (27,1%). Seguem-se as notícias diversas sobre o dia-a-dia (23,7%), informação sobre assuntos específicos *de cá*, como a academia, saúde, ou integração (21,4%), apoio emocional (16,8%), pedidos concretos de ajuda (6,9%) e trabalho colaborativo à distância (4,2%).

No conjunto, quais as vantagens e desvantagens associadas à comunicação à distância? Quanto às vantagens, destaca-se o facto de ser gratuito ou de baixo-custo (24,7%), permitir a interação em tempo real (22,3%), ver e ouvir as pessoas que lhes são importantes (19,9%), possibilitar um sentido de presença, ligação e bem-estar geral (11,3%), gerir a informação que querem passar e quando (11%) e ouvir e falar na própria língua (11%). Já as principais desvantagens associadas à comunicação à distância são o facto de não permitir o contacto físico com pessoas e lugares (32,9%), a imprevisibilidade associada a falhas de ligação (31,7%), a dificuldade em compatibilizar disponibilidades pessoais (14%), a tensão gerada pela não resposta imediata (11,6%) e, por último, as dificuldades em sincronizar as diferenças temporais entre fusos horários (9,8%). Em síntese, e ironicamente, as principais desvantagens da utilização das TIC na comunicação à distância são justamente as que derivam deste factor que lhe está na origem e ao qual é impossível escapar: a distância física (Cao et al, 2010).

3. Reflexões Finais

Inspirados pela constatação, observação e experiência da mobilidade internacional universitária em Évora, procurámos neste artigo apresentar uma caracterização ampla, plural e atual dos seus quotidianos. Especificamente, preocupámo-nos em descrever e compreender o lugar das tecnologias da informação e comunicação na construção da vida pessoal à distância de estudantes, professores e investigadores em situação de mobilidade internacional.

Não obstante tratar-se de um estudo de caso de dimensão e alcance reduzido, são várias as conclusões parcelares que importa destacar em jeito de reflexão final. Primeiro, e contrariamente a uma visão demasiado monocromática

da realidade, destaca-se a diversidade interna dos estudantes, professores e investigadores em mobilidade universitária internacional, tanto no que respeita ao seu perfil sociodemográfico, quanto às experiências que protagonizam. Em segundo lugar, os resultados deste estudo evidenciam uma imbricação profunda das TIC nos quotidianos académicos e pessoais de estudantes, professores e investigadores em mobilidade universitária internacional, como se depreende pela análise das questões relacionadas com a identificação das pessoas com quem comunicam mais vezes, frequência, meios e contextos da comunicação à distância. Em terceiro lugar, confirmando as nossas expectativas, constata-se a centralidade das TIC na construção da vida pessoal à distância, como bem demonstra a elevada importância que lhes é atribuída na rotina diária, os motivos e conteúdos dos contactos e, por fim, as vantagens e desvantagens que lhes reconhecem para comunicar à distância.

No momento em que em Portugal a publicação recente do “Estatuto do Estudante Internacional” (DL n.º 36/2014 de 10 de Março) impele à captação de estudantes estrangeiros por parte de instituições de ensino superior, públicas e privadas, através de um regime especial de acesso aos ciclos de estudos de licenciatura e integrados de mestrado, importa olhar para a mobilidade universitária internacional como uma realidade multidimensional e policromática. Se é certo que, por um lado, ela traz resultados diretos e visíveis para os seus principais atores (estudantes, professores e investigadores); por outro, países e regiões, universidades e cidades, professores e estudantes, academia e comunidade local anfitriã integram redes educacionais e culturais complexas e interdependentes, onde a copresença de diferentes nacionalidades, etnias, sotaques e religiões pode e deve ser perspectivada e valorizada como uma oportunidade para conhecimento e aprofundamento cultural mútuos, fomento da integração e redução das condições socioculturais que opõem “nós” aos “outros”. Porventura um desafio para explorar quando novamente convocados a refletir sobre os contextos e experiências do “*Aprender no Alentejo*”...

Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Presença.
- BECK, U., GIDDENS, A., & LASH, S. (1994). *Reflexive Modernization*. Cambridge: Polity.
- CASTELLS, M. (Ed.). (2004). *The Network Society: A Cross-Cultural Perspective*. Cheltenham and Northampton, MA: Edward Elgar.
- CAO, X., SELLEN, A., BRUSH, A.J.B., KIRK, D., EDGE, D., & DING, X. (2010). “Understanding family communication across time zones”. *Proceedings of the 2010 ACM conference on Computer supported cooperative work*. ACM 2010, pp. 155-158.

-
- CHOUHAHA, R., & CHANG, L. (2012). *Trends in International Student Mobility*, WES. <http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/research-trends-international-student-mobility-education-2012-en.pdf>
- COSTA, R., LOPES, R., BATISTA, A., PATRONILHO, H., & PIEGAS, L. (2014). "Mobilidade Universitária Internacional e Desenvolvimento Territorial: pontes e desafios". *Proceedings 20th APDR Congress – Renaissance of the Regions of Southern Europe*, 10-11 de Julho de 2014, Universidade de Évora – Colégio do Espírito Santo (Portugal). <http://www.apdr.pt/> (no prelo)
- GRANOVETTER, M. (1983). "The strength of weak ties: a network theory revisited". *Sociological Theory*, 1, pp. 201-233.
- MAY, V. (2011). *Sociology of Personal Life*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- MILES, M. B., & HUBERMAN, A. M. (1994). *Qualitative Data Analysis: an expanded sourcebook*, 2nd ed.. Thousand Oaks: Sage Publications.
- MORGAN, D. H. J. (2011). *Rethinking Family Practices*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- NEUMAN, W. L. (2011). *Social Research Methods. Qualitative and Quantitative Approaches*. Boston: Pearson.
- OCDE (2013). *Education at a Glance 2013: OECD Indicators*, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2013-en>
- PAHL, R. (2000). *On Friendship*. London: Polity Press.
- QS (2014). *Trends in International Student Mobility Report: A comparative study of international student choices, motivations and expectations 2009-2013*. QS – Quacquarelli Symonds World Grad School Tour. <http://www.topuniversities.com/student-info/qs-guides/trends-International-Student-Mobility-2014>
- SIMAS, J. S. (2013). "Welcome day: Universidade de Évora acolhe alunos estrangeiros". *UE-LINE – Jornal Online da Universidade de Évora*. 20.09.2013. <http://www.ueline.uevora.pt/Canais/academia/%28item%29/9469>
- SMART, C. (2007). *Personal Life – New directions in sociological thinking*. Cambridge: Polity Press.
- UNESCO (2009). *Global Education Digest 2009. Comparing Education Statistics Across the World*. Montreal: The UNESCO Institute for Statistics.
- URRY, J. (2007). *Mobilities*. Cambridge: Polity Press.